

Memórias da Esalq

História do tempo

Posto Meteorológico é responsável por uma das séries de dados mais longas do Estado**ELENI DESTRO**
Especial para a Gazeta

No dia 5 de fevereiro de 1918, uma terça-feira, a temperatura máxima chegou a 28°C e a mínima a 19°C em Piracicaba. E como é possível saber disso? Esses e outros números, de todos os dias, desde 1917 até hoje, foram registrados pelo Posto Meteorológico da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), referência na área em Piracicaba. Prestes a completar um século de existência, o posto é responsável por uma das séries históricas de dados mais longas de que se tem registro no Estado de São Paulo.

A reportagem da Gazeta foi conhecer de perto todos os equipamentos do posto, que fica em uma área distante na Fazenda Areão, que pertence à universidade. De acordo com o professor Paulo César Sentelhas, do Departamento de Engenharia de Biosistemas, até 1955 os equipamentos ficavam próximos ao prédio principal, mas entre os requisitos para o correto funcionamento é que eles estejam em área plana, afastados de construções e maciços florestais, que possam interferir nos dados. Sentelhas conta que o catrático de física e meteorologia no início era o professor Antônio de Pádua Dias. “No início, os dados eram pluviométricos e de temperatura e, aos poucos, foram incorporados os outros sensores, como o de radiação solar, umidade relativa do ar e velocidade do vento”, revelou Sentelhas.

Nestes 98 anos, os dados recolhidos pelo posto foram de extrema importância para, praticamente, todas as atividades desenvolvidas na universidade. “Na realidade, a agricultura é altamente dependente das condições meteorológicas, então os registros são para dar suporte à tomada de decisão, planejamento agrícola, atividades que dependem muito da ocorrência de chuva, da temperatura e radiação solar. Então é uma condição básica ser”, explica Sentelhas.



Vista geral do Posto Meteorológico da Esalq, na Fazenda Areão



Detalhe da estação automática, que não precisa de observador

ANTIGO E MODERNO

A preocupação com o clima, se vai ou não chover, principalmente, nunca esteve tão presente na vida dos habitantes do Estado de São Paulo como hoje, em meio a uma crise hídrica sem precedentes. Saber o que é temperatura máxima, mínima, índice pluviométrico, etc, é uma coisa, já entender como eles são medidos é outra. E não é tarefa fácil. Os equipamentos que fazem isso são verdadeiros enigmas para quem nunca havia visto.

Sentelhas acompanhou a reportagem e mostrou todas essas “engenhocas”. Entre as principais estão o heliógrafo, que mede o número de horas de brilho solar; o actiôgrafo, que registra a radiação solar; o anemômetro, que mede a velocidade e a direção do

vento; e o pluviômetro, que coleta e registra a intensidade das chuvas.

A área do Posto Meteorológico abriga, na verdade, três estações: uma convencional (mecânica) e duas automáticas, uma delas pertencente ao Inmet (Instituto Nacional de Meteorologia), para quem a Esalq cede espaço. “Temos, basicamente, 98 anos de dados da convencional, que depende do observador para fazer os registros, e a automática, que funciona continuamente com sensores eletrônicos”, explicou. Os interessados em saber a história do clima de Piracicaba nesse período tem à disposição toda a base de dados do posto disponível online, segundo Sentelhas, no endereço www.leb.esalq.usp.br/posto/.

Fotos: Del Rodrigues

HISTÓRIA**Em tempo real**

Um pouco da história do Posto Meteorológico está registrado na memória do professor benemérito Jesus Marden dos Santos, 88 anos, filho de funcionário da Esalq e formado na escola, que hoje vive em Caçapava. Em entrevista publicada no jornal Esalq Notícias, edição de dezembro de 2014, ele falou sobre sua relação com a meteorologia e com o posto. “Quando comecei a me interessar por meteorologia, o posto ficava próximo ao Pavilhão da Genética e foi transferido pelo Eduardo Mezzacappa, que era um funcionário que administrava a fazenda. O posto era bem acanhado, tinha apenas o abrigo meteorológico, um pluviômetro e um heliógrafo”, contou. Ele lembra que a tarefa de observação e registros era feita de modo curioso. “Quem registrava os dados meteorológicos era um servente chamado seu Maia,

que fazia isso três vezes por dia, às 9h, 15h e 21h, e à noite ele pegava o bonde para fazer a observação das 21h”. Marden também confirma a mudança do posto para onde está hoje, em área distante da Fazenda Areão, feita em 1955. Quem fez a construção foi Alcebiades Perencin, então administrador de obras da universidade. “Ficou um posto de primeira ordem, mas o problema era que o seu Maia tinha que descer à noite, ir a pé, pelo pasto, até lá em cima. Então arrumamos uma charrete e um cavalo, que deixávamos do lado da garagem, onde hoje ficam as instalações do Departamento de Ciências Florestais. Quando seu Maia se aposentou eu fiquei como observador do posto até ser nomeado o próximo. Os dados eram transferidos via telégrafo”, lembrou o professor Marden, que ocupou o cargo de diretor do Departamento Nacional de Meteorologia.

Gerhard Waller (USP/ESALQ – Acom)



Cadernos de anotações exibem registros do posto de fevereiro de 1918